

Números para economia - Brasil todos os gostos

*As duas grandes fragilidades do Brasil
são a carga tributária e os juros altos*

A evolução dos fundamentos macroeconômicos, do governo Fernando Henrique Cardoso para o governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, deverá marcar o debate durante a corrida presidencial de 2006. Embora a formalização das candidaturas ainda deva demorar algum tempo, o discurso do candidatíssimo Lula — à reeleição — e do ex-presidente tucano Fernando Henrique Cardoso indicaram, na última semana, o tom da campanha.

Os tucanos aproveitaram a passagem do quinto ano da Lei de Responsabilidade Fiscal para criticar a “gastança” que estaria ocorrendo no atual governo. Ao tentar a exclusividade da bandeira de austeridade nas contas públicas, o PSDB provocou o governo à reação. Os petistas jogaram na praça vários dados contestando os argumentos dos tucanos.

Entre 1995 e 2002 o déficit nominal — aquele que de fato indica a situação das contas públicas, pois o cálculo inclui a conta de juros da dívida pública — foi de 7,1% do Produto Interno Bruto (PIB). Em 2004 foi de 2,5% do PIB em função dos juros menores e do resultado primário maior.

Esses indicadores foram levantados pelo consultor em finanças públicas e ex-secretário municipal de Finanças no governo de Luiza Erundina (PT) em São Paulo, Amir Khair. Outro número bastante expressivo é o que diz respeito à dívida líquida do setor público, o melhor termômetro das finanças públicas. Em 1995 era de 30,4% do PIB; no final de 2002, chegou a 55,5%, com 25,1 pontos percentuais a mais. Subiu para 57,2% do PIB em 2003 e em 2004 caiu para 51,6%.



Nas contas externas, alteração também notável devido ao crescimento das exportações — a média anual saiu de US\$ 52,5 bilhões para US\$ 96,5 bilhões em 2004. De 1995 a 2002 o déficit médio anual nas contas externas foi de US\$ 23,3 bilhões, pois a balança comercial foi negativa na média anual de US\$ 1,1 bilhão e a de serviços e rendas em US\$ 24,3 bilhões. Em 2004 as contas externas foram positivas em US\$ 11,7 bilhões, impulsionadas pelo saldo comercial de US\$ 33,7 bilhões.

As duas grandes fragilidades do Brasil são a carga tributária e os juros altos. A arrecadação de tributos cresceu de 29,41% para 35,80% do PIB de 1995 para 2002, com expansão média anual de 0,8 ponto porcentual. Em 2004 atingiu 36,64% do PIB, com crescimento médio anual no biênio 2003/2004 de 0,42 ponto porcentual — a metade do incremento ocorrido durante o governo Fernando Henrique Cardoso. Recentemente, FHC atribuiu esse salto a várias medidas de saneamento das contas públicas.

Nos últimos 25 anos a taxa real de juros foi negativa em cinco anos — 1980, 1981, 1986, 1987 e 1990. Em 16 anos restantes foi superior a 10% ao ano. Entre 1995 e 2002 foi em média 16% e no biênio 2003-2004 foi de 10,5%. Os países emergentes têm juros reais de 1,5% ao ano. Excluindo o Brasil, essa taxa é de 1,1%, semelhante à dos países desenvolvidos (1%).

Esses números, suas razões e implicações para a vida dos brasileiros deverão ser debatidos à exaustão até as eleições de outubro de 2006.